

Por Robert J. Samuelson



# ESTÍMULO PARA ESTUDAR

RECENTEMENTE A IBM FEZ, NOS ESTADOS UNIDOS, UM pequeno anúncio que pode ter grandes conseqüências para a educação americana. A empresa revelou que começou a exigir os históricos escolares do segundo grau dos jovens candidatos a empregos em suas fábricas. A idéia é convencer os estudantes, que muitas vezes desprezam os valores adultos, a levar a escola a sério. A IBM está dizendo que o aproveitamento escolar deles é importante e que o diploma, por si só, não basta.

É uma mensagem crucial. Um dos maiores problemas das escolas de segundo grau é a motivação dos estudantes. Talvez a única exceção sejam os estudantes que pretendem ingressar nas faculdades de elite. É aqui que entra a importância do anúncio da IBM. Desde a Segunda Guerra Mundial, o valor econômico de um diploma do segundo grau vem sendo erodido, à medida que cada vez mais americanos o obtêm. Em 1940, apenas 25% dos adultos de 25 anos de idade ou mais eram formados no segundo grau. Em 1970, essa porcentagem já havia subido para 55%, e, em 1995, para 82%. Hoje, o diploma de segundo grau já não garante um emprego bem pago, como acontecia no passado.

Isso vem acontecendo especialmente desde a década de 70, conforme escrevem os economistas Richard J. Murnane e Frank Levy em seu livro recém-lançado *Teaching the New Basic Skills* (Ensinando as Novas Competências Básicas). Reagindo à queda nas margens de lucro e ao aumento da concorrência, os empregadores vêm se tornando mais seletivos na hora de contratar novos funcionários. Trabalhadores pouco confiáveis ou mal qualificados elevam os custos da empresa e reduzem a qualidade. Assim, as empresas começaram a dar preferência a universitários formados no preenchimento de vagas antes ocupadas por pessoas com formação de segundo grau. Não estamos falando de cargos executivos, de engenheiros ou outros profissionais. Estamos falando de funções qualificadas em fábricas, gerentes de escritórios, técnicos e representantes comerciais.

As empresas preferiam universitários formados não porque esses cargos exigissem habilidades de nível superior, mas porque o diploma do segundo grau já não implicava que seu dono possuísse as competências necessárias. São essas competências que Murnane e Levy chamam de "as novas competências básicas". Elas incluem conhecimento de leitura e matemática, resolução de "problemas semi-estruturados em que é preciso formular e testar hipóteses" e boa comunicação oral e escrita. "Muitos empregos requerem habilidades menores, mas poucos requerem menos do que isso", escrevem Murnane e Levy.

Por que muitos jovens não possuem as competências básicas? Não é porque os estudantes sejam, em sua maio-

ria, burros ou preguiçosos. A resposta mais acertada é a pressão sofrida por seus pares. O economista John Bishop escreve que "os jovens trabalham muito duro" nos empregos e nas atividades esportivas que realizam fora do horário escolar. Mas "nenhum adolescente quer ser visto como bitolado, e é isso que acontece com os alunos que se esforçam nos estudos". O aluno que estuda muito realça os pontos fracos dos outros, torna-se alvo de ressentimentos e perde popularidade. Apenas os jovens com grande força de vontade conseguem resistir à má vontade de seus colegas. Não é fácil para as escolas modificar sozinho esse clima, porque também enfrentam pressão dos pais dos alunos no sentido de não exigirem demais de seus filhos.

Em suas pesquisas, Bishop demonstrou que as exigências externas, que as escolas não podem manipular, como exames de graduação e exigências feitas para admissão de alunos, elevam o grau de aproveitamento dos alunos. Esses padrões externos criam conseqüências para os estudantes e afetam seu comportamento. Teoricamente, o mercado de trabalho poderia impor um desses padrões. Se os estudantes com bom aproveitamento escolar ganhassem salários iniciais mais altos do que os outros, haveria mais razões para se esforçarem nos estudos.

Na IBM, qualquer candidato a um emprego que tenha concluído o segundo grau menos de cinco anos antes de se candidatar ao emprego deverá responder certas perguntas básicas. Que disciplinas cursou? Álgebra? Estatística? Biologia? Química? Literatura? Quais foram suas notas? Quantas vezes chegou atrasado à aula? Quem receber uma oferta de emprego terá que fornecer seu histórico escolar para comprovar a veracidade de suas respostas.

As leis americanas que garantem "oportunidades iguais" impedem as empresas de adotar determinadas práticas — testes, perguntas sobre notas — que possam exercer "impacto diferenciado" sobre pessoas pertencentes a minorias, a não ser que essas práticas tenham relação "válida" com o emprego em questão. Assim, a IBM teve que fazer pesquisas para demonstrar que boas notas resultam em melhor desempenho. Mas a maioria dos empregadores não pode arcar com pesquisas complicadas. Essa exigência tola deveria ser revogada. As empresas deveriam poder exigir históricos escolares sem medo de ser processadas.

Se queremos que os alunos levem a escola a sério, precisamos levar a sério aquilo que eles fazem na escola. Isso não absolve as escolas ou os pais de fazerem mais. Mas significa que, a não ser que os estudantes vejam uma razão para se esforçarem mais, poucas outras coisas importam. ■

**NAS CONTRATAÇÕES  
AS EMPRESAS  
DEVERIAM EXIGIR  
MAIS DOS  
CANDIDATOS**

© 1997, Washington Post Writers Group